

EMI

CULTURA



DIVULGAÇÃO

BONECOS ENGAJADOS

Com espetáculos em espaços públicos, o Giramundo apresenta sua visão ecológica em "Floresta Amazônica".

PÁGINA 8

Nova música brasileira faz sucesso na Europa, com festivais e programas de rádio dedicados à MPB. O pernambucano Lenine é uma das estrelas da nova onda

Sem balangandãs

DANIELLA ZUPO
Especial para o EM

MUNIQUE — O pernambucano Silvério Pessoa é destaque do documentário *Moro no Brasil*, do finlandês Mika Kaurismäki, espécie de *road movie* que tenta mapear a música de rua brasileira e lotou circuitos alternativos de cinema, no ano passado. Rosanna e Zélia são duas mineiras radicadas na Alemanha há 13 anos, com discos lançados por gravadoras europeias e carreira sólida, mas pouco conhecidas em seu país. Na França, Lenine vendeu mais de 30 mil cópias só do CD *Na Pressão*, verdadeira proeza para um cantor de língua estrangeira no país do tamanho de Minas Gerais.

Ivan Santos, autor de músicas gravadas por Erasmo Carlos, Kid Abelha e Ney Matogrosso, entre outros, e parceiro de Lenine e Bráulio Tavares, optou por viver e produzir na Europa desde 1992. Sem falar em Bebel Gilberto, radicada há anos em Nova York, "descoberta" por DJs londrinos. Só de lá chegou ao Brasil com seu mix de bossa nova e música eletrônica. Nenhum deles faz o que se pode chamar de música comercial, dirigida e pensada para a grande máquina do *mainstream*. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, ultrapassam fronteiras e encontram no mercado europeu um público ávido por música diversa e plural produzida no Brasil.

"O que vem acontecendo fora do País é reflexo do que ocorre dentro dele", aposta Lenine, um dos artistas mais requisitados na última temporada do verão europeu. Fez turnê por países como Alemanha, Espanha, Suíça, França, Itália e República Tcheca.

"Cada vez mais, surgem coisas diversas e plurais. Isso tudo está tendo eco fora do País. São trabalhos como o de Chico César, Marisa Monte e Carlinhos Brown, entre outros tantos, mostrando outros lados da música brasileira. Está acontecendo hoje no Brasil a descoberta de outros brasis, que estavam à margem do Brasil conhecido", avalia.

Para muitos artistas, chegar ao público europeu não foi resultado de projetos definidos, mas fruto de circunstâncias.

"Viemos por causa de um trabalho e outros se sucederam naturalmente. Por outro lado, aqui a gente não teve pressão de mídia e mercado e se sentiu à vontade para desenvolver e criar música que fosse resultado de uma concepção própria, independentemente do tipo de mercado", conta Zélia Fonseca, da dupla Rosanna e Zélia. Elas acabam de lançar o quarto disco, produzido pela Enja Records, prestigiado selo alemão de jazz que, pela primeira vez, investe em música brasileira.

"Não tem fórmula, cada um faz como pode", acredita Ivan Santos, músico e compositor pernambucano radicado na Alemanha desde 1992. "Tem gente que faz turnês sacrificantes todos os anos e, aos poucos, vai criando público. Outros têm gravadora por trás, que resolve investir no mercado europeu. Outro entra num pequeno selo independente e faz o circuito de pequenos palcos de jazz e clubes, vendendo CD após o show", conta. Até aí, nada de novo na inesgotável seara musical brasileira ignorada pelo grande público. Os exemplos se multiplicam. Rosa Passos lançou, no ano passado, um disco em parceria com o legendário baixista de jazz Ron Carter nos EUA, mas no Brasil é musa só de iniciados. Toninho Horta tem grande parte de sua obra produzida fora do País, principalmente no Japão. E por falar em Japão, lá a bossa nova, já há alguns anos, é mais bem-sucedida do que no Brasil. Que o digam Roberto Menescal, Wanda Sá e Marcos Valle, com turnê obrigatória pela Terra do Sol Nascente todos os anos.

O que há de novo? Para o jornalista alemão e crítico de música da conceituada revista *Jazzthetik*, Hans Juergen Lenhart, o gosto pela nova música brasileira ainda cativa a minoria atendida, que tem aumentado lentamente nos últimos anos. "Com filmes e reportagens sociais e ecológicas, a imagem do Brasil muda

TENDÊNCIA BRASIL

O Brasil está na moda. E ainda não é tempo de Copa no Mundo nem de Carnaval. Depois da euforia com o título e nossos Ronaldos, da boa bilheteria de *Cidade de Deus*, do destaque dado pelos principais jornais europeus à eleição do presidente sindicalista, uma onda brasileira invade o verão europeu. A revista americana *Newsweek*, do grupo Times, por exemplo, publicou matéria no mês passado sob o título de *Everyone loves Brazil*, em que fala do atual frisson por tudo o que diz respeito à cultura que trouxe biquínis, caipirinha e capoeira. Na moda, nos rodízios de churrasco, no novo beat de Bebel Gilberto, o Brasil virou "tendência".



GIL VICENTE

O compositor e cantor Lenine quer mostrar o Brasil muito além do clichê: "O País é um caldeirão cultural"

lentamente, embora ainda esteja impregnada desta imagem *naïve*, que vem do tempo de Carmen Miranda. Nos anos 70, era um risco financeiro organizar show com um artista brasileiro. Trazer Milton Nascimento era algo excepcional. Hoje, a situação é diferente. Não é mais necessário apresentar o Brasil e sua música. Embora espetáculos individuais sejam cada vez mais raros, artistas com trabalho mais consistente e menos comercial têm grande chance de serem tratados com o respeito que merecem. E bem longe de clichês.

Organizador de um dos festivais anuais de world music de Bielefeld, Alemanha, que reúne durante dois meses atrações de 27 países, entre eles o Brasil, Michael Lese-mann confirma: "Nós temos o desafio de revelar novas facetas da MPB e não alimentar clichês. Este ano, trouxemos a música do Norte e Nordeste do Brasil, como o maracatu e o forró. No início das apresentações de Silvério Pessoa e Mestre Ambrósio, por exemplo, a sonoridade era incomum e inesperada para o público. Depois de duas ou

três músicas, as pessoas se entusiasmaram com o que estavam ouvindo". Para o jornalista e DJ alemão Frank Keil, a fórmula é simples: "Quanto mais as pessoas conhecem a música brasileira, mais elas se afastam do material produzido para o *mainstream*".

A mudança desta imagem ganha, inclusive, contorno institucional, acredita Felipe Tadeu, jornalista carioca especializado em música. Radicado na Alemanha desde 1991, conhecido como DJ Fila, é co-apresentador de um programa de música brasileira na Radio Darmstadt. "A eleição do Lula, por exemplo, deu ao País um caráter de respeitabilidade política de que nenhuma outra nação europeia dispõe no momento. Se hoje há condição de nossa música chegar com mais força aqui, isso se dá pelo somatório de fatores que contribuem para que o carisma do Brasil venha aumentando. O cinema brasileiro também soma para que a música do Brasil seja mais consumida aqui. Tudo caminha junto, até o sucesso do nosso futebol. Por que não?".



MATÉRIA DE CAPA

Música brasileira busca se libertar das amarras da chamada world music e seduz público interessado em propostas estéticas tradicionais, mas sem preconceitos com a eletrônica

Diversidade é o caminho

DANIELLA ZUPO
Especial para o EM

MUNIQUE – Uma olhada na lista de canções das rádios alemãs que tocam música brasileira confirma a descoberta de novos brasis. Apesar de transmitida principalmente por emissoras alternativas, a MPB está lá, representada em boa parte de sua diversidade. Na FunkHaus Europa, por exemplo, entre os mais tocados estão Daúde, Patrícia Marx, Bebel Gilberto, Fernanda Porto, Max de Castro, Trio Mocotó, Carlinhos Brown, Tribalistas, Ivo Meirelles, Marcos Valle, Virginia Rodrigues, Chico César, Maria Rita, Zeca Baleiro, Gilberto Gil, O Rappa, Olodum, Mestre Ambrósio, Nação Zumbi, Mundo Livre, Cidade Negra, Fernanda Abreu, Silvério Pessoa, Seu Jorge, Otto, Arto Lindsay, Zuco 103. Tem também raridades, como Os Tincoãs.

Francis Gay é programador da rádio e apresentador do programa *5 Planeten* (Cinco Planetas), que traz novidades musicais – ou, como ele mesmo define, “música em direção ao futuro”. Toca brasileiros como os DJs Patife e Dolores. “Nós tentamos evitar esta música comercial e homogênea que vem do Brasil, como a axé music, até porque ela não é tão popular aqui”, afirma.

Na Multikulti de Berlim, onde, segundo o programador musical Steffen Schmedt, a mídia é uma música brasileira a cada hora, a tendência de apresentar mix de MPB e eletrônica se confirma. Na categoria hit, ou temas mais pedidos, revezam-se basicamente os artistas já citados. “Não há predominância de estilos”, garante o produtor. Clássicos de João Gilberto e Milton Nascimento são tocados ao longo da programação, só que concentrados na faixa noturna. “Música brasileira nunca foi comercialmente interessante na Alemanha. Quando um artista como Lenine, por exemplo, faz show na França, ganha meia capa no *Le Monde*”, pondera Francis Gay.

“A gente tenta tirar esta caricatura do que é o Brasil, essa associação direta de que o Brasil é só africano. O Brasil é mais do que isso. Eu e muitos outros artistas estamos afirmando e reafirmando este caldeirão cultural brasileiro”, afirma Lenine. “Quando você vê um ritmo como o fandango paranaense, uma coisa de branco europeu com suingue e batucada, aí cai por terra esse vício de associar a música brasileira só a

“A tendência, agora, é as pessoas se afastarem dos clichês. O Brasil é samba e axé, mas não é só isso”

■ Zélia Fonseca

contribuição africana. Houve também poderosa contribuição europeia, especialmente indelével do lusitano. E também a contribuição maravilhosa dos mouros, que se observa até hoje, quando se ouve uma dupla de cantadores do interior, cantando melodias árabes de 500, 600 anos atrás. O Brasil é esta mescla toda”, define o músico.

Para Zélia Fonseca, o cartão postal distribuído em massa na Europa foi a idéia de que o Brasil é “verão, Carnaval e alegria”. Mas há outros tons. “A melancolia e a saudade, por exemplo, são temas freqüentes de nossa música, herança dos europeus que viveram aqui, longe de seus países.” afirma. Ela se diverte ao lembrar do início da carreira na Europa. “Perdemos muito trabalho por só tocar música própria. Como éramos duas, eles perguntavam se a gente também tocava instrumentos, porque pensavam que éramos duas dançarinas que cantavam. A tendência, agora, é as pessoas se afastarem dos clichês. O Brasil é samba e axé, mas não é só isso.”

O músico Gilson de Assis, que vive há 20 anos na Europa e ministra oficinas de percussão, completa: “Uma coisa é certa. Estilos como o pagode autêntico, o instrumental ou o forró, ilustres desconhecidos há 15 anos, são conhecidos agora”. E provoca: “No Brasil, a maioria ignora que existem artistas ou grupos fantásticos como Mestre Ambrósio, Cascabulho, Tom Zé, Guinga, Antonio Nóbrega, Pagode Jazz Sardinha’s Club. Como as pessoas na Europa podem conhecer algo a que nem mesmo os brasileiros têm acesso? Falta interesse das gravadoras e distribuidoras em divulgar a cultura popular brasileira”.



FOTOS DIVULGAÇÃO

A dupla Rosanna e Zélia tem experiência com o público europeu e trabalha para ampliar o conceito da música brasileira

A cantora Bebel Gilberto, com sua mistura de bossa e eletrônica, representa a nova tendência da Brasilelektro



Muito além dos rótulos

“Não faço música de sobrevivência. Não faço world music”, já bradou Carlinhos Brown. Uma coisa é certa: a alcunha de world music não nos cai bem. “Não gosto deste rótulo. World music foi uma invenção do mercado para excluir o que não é música cantada em inglês”, afirma Lenine. Para Zélia Fonseca, a MPB busca lugar próprio. “Quando participamos do Womad (um dos maiores festivais itinerantes de world music do mundo), senti que o trabalho que a gente estava fazendo não tinha nada a ver com a música étnica que estava sendo tocada.” Gilson de Assis discorda: “Pouquíssima gente pode descrever com precisão os diversos estilos e tendências da nossa música na Europa. Quando um artista brasileiro se apresenta em festival étnico, está dando importante passo para seu trabalho ser conhecido por outro tipo de público”, observa.

Para Michael Lesemann, organizador de festivais do gênero, o conceito de world mu-

sic também vem se adaptando a novas informações e exigências do público. “Há 20 anos, a platéia era outra. Você só precisava escrever *world music* e vinham sempre as mesmas pessoas. Hoje, o público quer saber exatamente o tipo de música que vai ouvir. Quem gosta de salsa, não gosta necessariamente de samba”, compara.

PANCONSUMISMO “Se nossa música fosse uma coisa facilmente identificável, como o reggae, a gente já teria invadido isso aqui há muito tempo”, garante Ivan Santos. “O povo brasileiro, até por razões históricas, vai sempre trabalhar com as influências externas, sem perder suas digitais. A música no Brasil é, ao mesmo tempo, única e universal, top no sentido de sua potencialidade para ser consumida em qualquer canto do planeta”, acredita Felipe Tadeu. “Estamos vivendo um momento muito novo, o deste universo planetário de música contemporânea,

consumida tanto por brasileiros como africanos, americanos e europeus. É o que chamo de panconsumismo. Minha música tem raízes brasileiras, mas dialoga com todas essas regiões e culturas”, afirma Lenine.

■ BOSSA COM ELETRÔNICA

Se a atual moda Brasil ou Brazil tivesse uma trilha, ela seria provavelmente – pelo menos, em vários países da Europa – o que os alemães chamam de Brasilelektro, tocado nos melhores clubes, bares e lojas de grife. Artistas brasileiros representantes da bossa nova descobriram a música eletrônica da Europa e a música eletrônica descobriu a MPB dos anos 60 e 70. “Dessa troca, surgiu o Brasilelektro, produzido por selos como o alemão Audiopharm, o inglês Mr.Bongo e a brasileira Trama”, define o jornalista e DJ alemão Frank Keil. “É certo que a mescla de bossa nova com dru-

m’n’bass realizada por Bebel Gilberto, Bossacucanova e congêneres tem dado o que falar por aqui. Bebel e o produtor Suba fizeram do álbum *Tanto Tempo* um trabalho bastante curioso”, avalia Felipe Thadeu.

É difícil prever se essa nova tendência trará novo público para a música brasileira – ou mesmo se fará a Europa redescobrir a bossa nova. “Este mix de música eletrônica e bossa, a meu ver, atingiu um público que pouco ou nada tem a ver com os fãs de música brasileira”, acredita Gilson Assis. “A maioria dos DJs já andou experimentando alguma batida brasileira. Todo dia aparece um grande nome internacional com seu *brazilian project*”, observa Ivan Santos. Zélia Fonseca questiona: “A música eletrônica está sempre buscando alimento novo para uma música fria, seja étnica ou brasileira, ou mesmo a regravação de um sucesso anterior. Pode até trazer uma nova informação para seu público, mas não sei se vai muito além disso”.

TEATRO ALTEROSA

Os Três Porquinhos

Um espetáculo infantil recordista de público.
Mais de 400 mil pessoas já assistiram!

Dias 4 e 5 de setembro
Sábado e domingo, às 16h30.

Av. Assis Chateaubriand, 499 Floresta 3237 6511